

CRIME EM PERNAMBUCO

Dois integrantes do povo Truká, de Cabrobó (PE), foram detidos numa barreira da Polícia Militar e assassinados. Corpos carbonizados foram sepultados ontem

Índios mortos por policiais

Cristina Ávila
 Da equipe do **Correio**
 Com Diário de Pernambuco

Wanderlei Pozzembom 20.4.00

Dois índios do povo truká foram encontrados mortos e com os corpos carbonizados, depois de serem detidos em uma barreira da Polícia Militar de Pernambuco na estrada entre Cabrobó e Petrolina, a cerca de 680 quilômetros do Recife. Os corpos foram mutilados e queimados em fogo feito com pneus para dificultar a identificação. Os parentes dos mortos e os líderes da tribo acusam policiais pelo crime. A região, chamada Polígono da Maconha por ser grande produtora da droga, é conhecida também pela atuação de grupos de extermínio e pelos assaltos nas estradas.

Os truká fizeram ontem o enterro de Nilson Félix, 16 anos, e do pai dele, José de Nô Felix, 38. Os corpos foram liberados na quarta-feira pelo Instituto Médico Legal do Recife, onde estavam desde que foram encontrados, no último dia 7, em Santa Maria de Boa Vista, perto de Petrolina. Os próprios parentes acharam, depois de três dias de buscas. Os corpos foram reconhecidos por causa de objetos das vítimas, que estavam próximos. Segundo o diretor do IML, Clóvis Mendoza, a identificação oficial — que será feita por exame de DNA — vai demorar cerca de 15 dias.

Os dois índios foram vistos pela última vez no dia 4, por volta das 15h, quando viajavam para Petrolina em um gol branco acompanhado pela enfermeira Maria Aurilene Lima dos Santos e pelo motorista Francisco de Assis Barros, funcionários do Hospital Regional Dr Arnaldo Vasconcelos, de Cabrobó. José de Nô levava Nilson ao hospital para tratar de um ferimento de bala. Parados numa barreira da PM a 10 quilômetros de Cabrobó, foram obrigados a descer do veículo, enquanto os acompanhantes recebiam ordem para retornar. As testemunhas contaram que os soldados estavam encapuzados. Eles prestaram depoimento sobre o fato no Inquérito Policial Militar (IPM), que está sendo presidido pelo tenente-coronel PM Ferraz Jota.

A morte dos índios está sendo associada a um tiroteio ocorrido no mesmo dia 4 no povoado de Mãe Rosa, município de Cabrobó, durante uma operação reali-



AURIVAN DOS SANTOS BARROS, LÍDER TRUKÁ, FEZ A DENÚNCIA À POLÍCIA FEDERAL E AO MINISTÉRIO PÚBLICO

zada pela Polícia Militar. Nilson Felix foi baleado e dois PMs — o sargento Ismael Borges Melo e o soldado Luismar Leite Rocha — acabaram mortos. Outro índio, Geraldo Gomes da Silva, tio de Nilson, foi baleado e morreu posteriormente. Há acusações de que os índios estariam envolvidos com quadrilhas.

VIOLÊNCIA ANTIGA

O caso foi denunciado ontem ao Conselho Indigenista Missionário (Cimi) pelo líder truká Aurivan dos Santos Barros, para que fosse levado ao conhecimento do Ministério Público Federal em Pernambuco. Antes disso, Aurivan já havia pedido apurações à Polícia Federal.

Segundo Aurivan dos Santos, depois do tiroteio, o adolescente conseguiu chegar à terra indígena, que fica na Ilha de Assunção, no rio São Francisco. De lá, foi levado pelo pai ao hospital de Cabrobó. Como o ferimento exigia maiores cuidados, decidiram partir para Petrolina com o motorista e a enfermeira. Aurivan disse ainda que na mesma tarde em que Nilson e José de Nô desapareceram, a área indígena foi invadida por policiais, alguns encapuzados, que estavam em doze carros, entre viaturas da PM e carros passeio. Aurivan acrescentou que os policiais seqüestraram um primo de Nô, levado no porta-malas.



Segundo a assessora jurídica do Cimi em Brasília, Rosane Lacerda, esses não são os primeiros assassinatos de índios truká com envolvimento de policiais. "O clima de violência policial contra os índios vem desde o final dos anos 70 e coincide com o agravamento das lutas pela terra indígena", conta. Segundo ela, a violência tornou-se ainda mais grave nos últimos dois ou três anos, quando os índios intensificaram a fiscalização contra a produção de maconha em parte dos 6 mil hectares da terra em que vivem. Os truká chegaram a comprar um barco e colocar à disposição da Polícia Federal para melhorar o combate às drogas.

"Frequentemente, os índios chegavam a nós, narrando torturas nas delegacias de Cabrobó, invasões da PM na área in-

dígena. Eram muito comuns casos de seqüestro, seguidos de tortura. Nunca foram descobertos sequer indícios da autoria dos crimes. Em alguns casos, apesar das denúncias, não foram nem abertos inquéritos. Quando isso acontecia, era anos depois, quando as provas já haviam desaparecido e as exumações dos cadáveres ficavam difíceis", afirma Rosane Lacerda.

A Polícia Militar nega as acusações contra policiais. Segundo o porta-voz do Comando Geral da PM, major Sillas Charamba, além do IPM, as polícias Civil e Federal também abriram inquéritos para apurar o crime. Ele disse que nos próximos dias o tenente-coronel Ferraz Jota vai apresentar policiais à enfermeira e ao motorista para que tentem reconhecer aqueles que ficaram com os índios na estrada. Charamba disse que em depoimento as testemunhas afirmaram que não poderiam reconhecê-los. O porta-voz não deu outros detalhes. No depoimento de Aurivan ao Cimi, ele citou que os policiais estariam encapuzados na estrada.

"É importante ficar claro que não há nada contra a tribo, mas apenas a suspeita contra alguns de seus membros", disse o delegado federal Marcos Contrim, que participa das investigações.

ÁREA DOMINADA PELO TRÁFICO

O Polígono da Maconha fica no oeste de Pernambuco. São 24 mil km², entre Cabrobó, Salgueiro, Belém do São Francisco e Floresta. É o centro da produção da erva no Brasil. Em 1991, a área plantada chegou a 400 mil hectares. Atualmente os traficantes sofisticam a produção. Fazem canteiros com semeaduras e usam adubos de qualidade, para crescimento rápido, conseguindo três a quatro safras por ano, para compensar perdas conseqüentes do combate ao narcotráfico. O tráfico apavora os moradores da região. Muitos vivem sob ameaça de morte e às vezes são obrigados a trabalhar para os traficantes.